

Congonhas do Campo

O Aleijadinho

Por DJALMA ANDRADE

(ESPECIAL PARA ESTA OBRA)

Natural de Queluz de Minas. Diplomado em direito pela Faculdade de Bello Horizonte, advogou em Queluz, onde foi logo considerado o primeiro orador judiciario da Comarca. Attrahia-o, porém, a actividade jornalística, mais do que a vida do fóro. Quando estudante redigira em Bello Horizonte a «Vida de Minas» e a «Vita», revista de arte. Transferindo residencia para a Capital do Estado, tornou-se figura indispensavel em todos os jornaes que ahi se fundavam. Pela penna fez-se respeitado, sendo inimitavel na satyra, arma que nunca abandonou. Durante tres annos foi o correspondente em Minas do «Correio da Manhã», jornal em que publicou, alem de outros trabalhos de valor, uma serie de artigos relatando os estudos e observações que fez, em varias cidades mineiras, sobre o «Aleijadinho». Antes dos trabalhos citados, de Djalma Andrade, que é um intelligente pesquisador da Historia de Minas, o desgraçado escultor mineiro era quasi desconhecido do resto do Paiz. Outra face de talento de Djalma Andrade—é como poeta. O seu livro «Vinha Resequida», tornou-o conhecido como um dos primeiros poetas do Brasil actual. Antes de «Vinha Resequida», publicou, de collaboração com Bernardo Guimarães Filho, «Ditosa Patria», livro de trovas cívicas.

Actualmente redige em Bello Horizonte a revista literaria «Risos e Sorrisos». É um dos mais poderosos talentos de Minas.

Presentemente, o dr. Djalma Andrade por incumbencia do governo Mello Vianna, organiza, para as escolas mineiras, um excellente film historico, que é, no campo da pedagogia moderna, uma das maiores realizações do actual governo do Estado.

Para esta obra Djalma Andrade escreveu os estudos abaixo sobre Congonhas do Campo e o Aleijadinho.



CONGONHAS DO CAMPO

Fundação do arraial e historia do culto do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos

Quem visita Congonhas do Campo, descobre logo que o velho arraial nasceu de uma lavra como quasi todas as antigas cidades de Minas.

Foi o ouro existente nas margens do regato que atravessa o povoado, que attrahiu os seus primeiros habitantes.

Ainda hoje existem as grandes excavações, feitas pelos portuguezes, na pesquisa do valioso metal.

Sem machinismos apropriados para a exploração das minas, no fim do seculo XVII, os faiscadores que chegaram a Congonhas do Campo revolveram todo o solo mas, segundo parece, não foram felizes nas suas pesquisas.

A abundancia que encontraram, nos campos circunvizinhos ás lavras, da planta (*frankoniana luxemburgia polyandria*), vulgarmente chamada — Congonha do Campo, — determinou o nome do logarejo.

A margem direita do rio, por ser a mais rica de minério aurífero, foi rapidamente povoada.

Não encontramos, ao certo, a epoca em que ahi chegou o primeiro nucleo explorador, mas sabemos, com precisão, que em 1749, por alvará de 6 de novembro, o

povoado foi elevado á cathegoria de freguezia, sendo que, por esse tempo, era creada a diocese de Marianna e escolhido d. Manoel da Cruz para seu primeiro bispo.

Como diz o monsenhor Julio Engracia o colono portuguez poderia ter muitos defeitos, mas não tinha o da impiedade. Quando por esses sertões os colonos penetravam, aos bandos, ás vezes sem destino, uma cruz, onde quer que parassem por alguns dias, era a pista segura que deixavam.

Uma vez, definitivamente arranchado, tirando qualquer lucro de seus trabalhos, era seu primeiro cuidado a construcção de uma capella, onde pudessem praticar os actos da sua religião e logo um sacerdote era chamado para o exercicio do seu ministerio.

Quem percorreu em Minas as regiões onde o ouro foi explorado verá as riquezas sepultadas em logarejos que hoje não comprtam mais a residencia de um sacerdote.

Os velhos teiplos derruidos, ou a se desabarem, excitam a admiração e a tristeza do visitante por contemplar tanta fé, tanta grandeza em tão pouco tempo anniquiladas e, com mais um pouco de annos, inteiramente desapparecidas.

Os primeiros colonos que chegaram a Congonhas do Campo construíram logo uma grande igreja em hon-

ra á Virgem Maria. O portuguez tem uma especial devoção por Nossa Senhora da Conceição.

Difficilmente se encontrará em Minas uma cidade ou uma aldeia antigas em que não haja um templo dedicado á Rainha das Virgens.

Assim começou Congonhas.

De um simples nucleo de aventureiros, transformou-se em povoado, depois em freguezia e, finalmente, em arraial.

Mas a historia de Congonhas está intimamente presa á vida do culto do Senhor Bom Jesus do Mattosinhos.

Não fosse o grande milagre operado por Bom Jesus na pessoa humilde do seu mais fervoroso devoto, Feliciano Mendes, e Congonhas seria, ainda hoje, apenas um pobre povoado, onde o cascalho denunciaria a existencia de um logar por onde ha seculos passara a fortuna.

As romarias provocadas por Feliciano Mendes, que por toda parte apregoava os milagres de Bom Jesus, fizeram a prosperidade do logarejo.

As festas do jubileu tornaram conhecido o arraial.

Os artistas que visitam Congonhas sempre o fazem por essa occasião: dahi o serem injustos quando se referem a esse lugar. O Jubileu desfigura Congonhas. A vida do arraial é, nessa epoca, perturbada pela avalanche de peregrinos, negociantes, mendigos e forasteiros de toda ordem.

João do Rio no seu livro «Os dias passam», não viu Congonhas; viu apenas o Jubileu.

E o proprio Jubileu elle procurou focalisar, de preferencia, no aspecto mais repugnante.

Com a sua inegualavel habilidade em apanhar, em excellentes flagrantes, a sociedade, fez, no seu livro, uma descripção minuciosa e colorida dos leprosos e negociantes larapios que tiram proveito da peregrinação ao Santuario de Mattosinhos.

Esse grande escriptor, que sempre desejou ser tido como reporter, fez uma bella reportagem da romaria annual de Congonhas. E como o fim principal de uma reportagem é chamar a attenção, impressionar, João do Rio expoz com arte, nos seus periodos curtos e incisivos, aos olhos do leitor, as mazelas e rapinancias que viu na romaria de Congonhas do Campo.

O que não era theatral, espalhafatoso, sensacional, foi industriosamente esquecido na reportagem que visava apenas os nervos do leitor.

A multidão de verdadeiros crentes que aos pés da imagem lacrimosa, pede alivio para as suas dores, os semblantes transfigurados pela fé, as lagrimas de agradecimento a borbulhar dos olhos dos que tinham sido beneficiados pelo graça divina—nada disso mereceu registro na chronica do illustre escriptor. As chagas dos leprosos exhibidas com crueza e arte, pela sua nota horripilante, chamam muito mais a attenção do publico que a descripção das almas suaves e piedosas que esperam o balsamo divino para allivio de seus soffrimentos.

Impressionado com a multidão que o rodeava, com os pregões dos leiloeiros de bugingangas, com o despudor das mulheres faceis que alli pullulam por occasião das festas do Jubileu, com a physionomia dos lazarus horriavelmente deformada pela molestia, o excellent chronista não teve vagares para lançar a sua vista ao pittoresco do arraial, ao engraçado desalinhamento das casas alcandoradas pelos morros, no mais soberano desprezo pelas leis da esthetica e do equilibrio.

Congonhas não é o que commumente se chama um logarzinho bonito. Não tem jardins com repuxos, nem casas de platebanda. E', antes, um logar pittoresco e aprazivel.

E' um arraial que se fez de um punhado de casas construidas ao acaso pelo bandeirante ousado.

Esse arraial tem mais de dois seculos de existencia, o que concorre muito para o seu encanto. Si tivesse o necessario conforto seria, pelo seu clima, o melhor sitio para o verão.

Essa velhice, o clima suavissimo, o ar religioso do logar: tudo concorre para a belleza poetica de Congonhas.

Si João do Rio, com seu lapis apressado de reporter, em vez de analysar a população adventicia do logarejo, observasse a topographia do arraial, o engraçadissimo desalinhado das ruas, a originalidade das suas construcções e respirasse, a plenos pulmões, o ar dos seus campos, não descreveria essa terra sob o aspecto sacrilego e immoral com que ella apparece em seu livro.

Elle deveria ter visto Congonhas com os olhos de artista como viu essa terra Alfonsus Guimaraens, o grande poeta mystico.

Elle deveria vel-a atravez do mysterio religioso que a circumda; elle deveria ter parado em frente do altar onde repousa uma imagem, ponto convergente de orações, rezadas com a fé mais viva por milhões de crentes e, depois, com o espirito saturado nesse ambiente de poesia e fé, escrever sobre a tradição de Congonhas do Campo e sobre o Jubileu.

Assim fez Alfonsus Guimaraens, e da sua penna sahiram a suavidade desses versos:

Sam Bom Jesus de Mattosinhos
Fez a Capella em que o adoramos
No meio de arvores e ramos
Para ficar perto dos ninhos.

E' como a igreja de uma aldeia
Tão sosegada e tão singela...
As moças, quando a lua é cheia
Sentam-se á porta da capella.

Vae-se pela ladeira acima
Até chegar no alto do morro.
Tão longe... mas quem desanima
Se elle é o Senhor do Bom—Socorro!

Tem tanto encanto a sua igreja,
Paz que nos é tão familiar,
Que é impossivel que se não seja
Um bom christão em tal lugar.

Alegrias mais que terrestres
Murmuram hymnos pelas naves,
No adro, quantas flores silvestres!
Nas torres, quantos vôos de aves!...

E atraz da igreja o cemiterio
Floresce cheio de jazigos.
Os proprios mortos, que mysterio!
Vivem na paz de bons amigos.

Quando o jubileu se aproxima,
Ai! quanta gente sobe o morro...
Tão longe... mas quem desanima
Si elle é Senhor do Bom—Socorro!

Velhos de oitenta annos contados
Querem vel-o no seu altar,
Braços abertos, mas pregados
Que não nos podem abraçar.

Entrevados de muitos annos,
Vão de rastros pelos caminhos,
Olhar os olhos tão humanos
Do Bom Jesus de Mattosinhos.

Saem dos leitões como de eças
Espectros cheios de esperança,
E vão cumprir loucas promessas
Pois de esperar a fé não cança.

Vinde leprosos do grande ermo!
Almas que estais dentro de lódos:
Que o Bom Jesus recebe a todos
Ou seja são ou seja enfermo.

Almas sem rumo como as vagas,
Vinde rezar! vinde rezar!
Si elle tambem tem tantas chagas
Como não ha de vos curar!...

Direis talvez: «Chegar lá em cima...
Antes de lá chegar eu morro!
Tão longe... «Mas quem desanima
Si elle é o Senhor do Bom—Socorro!

Foi no meiado de Setembro,
No jubileu que eu vim amal-a;
Ainda com lagrimas relembro
Aquelles olhos cõr de opala...

Era tarde. O sol no poente
Baixava lento. A noite vinha.
Ella tossia, estava doente...
Meu Deus, que olhar o que ella tinha!

Ella tossia. Pelos ninhos
Cantava a noite, toda luar.
Sam Bom Jesus de Mattosinhos
Olhava-a como a chorar...

O culto de S. Bom Jesus do Mattosinhos se originou de um milagre operado na pessoa de Feliciano Mendes.

O ERMITÃO FELICIANO MENDES

Os seus sonhos de fortuna facil falharam, mas Feliciano Mendes não era um desilludido, porque seu peito transbordava de fé.

A terra lhe tinha sido ingrata. Quando estava longe, em Portugal, acenara-lhe com a felicidade, com a fortuna e, aqui, lhe déra decepções, desenganos, doenças...

Voltaria para sua patria, para o Reyno.

Levaria seus pouquissimos haveres: algumas oitavas de ouro, migalhas. Em Portugal, recolher-se-ia a um convento.

Eram seus planos. Castellos de homem desilludido dos bens do mundo e só confiante nas graças divinas.

Si não fosse aquella molestia ainda tentaria a vida na terra que escolhera pela sua riqueza e pela fama que gosava lá fóra, mas doente...

Antes, porém, de levar avante os seus planos, Feliciano Mendes appellou para o seu Deus. Era o ultimo recurso.

Sempre fôra um crente. O Senhor Bom Jesus era a sua maior devoção, o seu padrinho, o seu unico protector.

Uma promessa, e quem sabe se não ficaria bom?

Quem sabe si lhe não voltariam, novamente, a saúde, a energia, a força, a vida, para melhor ainda poder adorar o seu Deus e exaltar a divindade.

Tentou. Fez a promessa. O milagre se realizou com a rapidez e o prestigio que caracterizam as intervenções divinas em cousas humanas.

Ficou são e deslumbrado.

Corria o anno de 1757. Congonhas do Campo, onde morava e onde soffrera as dores de sua molestia, era um simples povoado. Aldeia igual a muitas dessas espalhadas por toda a provincia, formadas ao acaso, nos logares em que havia ouro.

Feliciano Mendes, que já era um crente, tornou-se, depois do milagre, o mais fervoroso servo de Deus.

Dahi em diante, as migalhas que possuía, suas poucas oitavas de ouro, ganhas entre as esperanças e decepções na mineração das lavras, passariam a pertencer ao Senhor Bom Jesus.

Mas uma duvida o martyrizava. Deveria voltar para Portugal, como ideara, ou ficar aqui exaltando o seu bemfeitor, o milagroso Bom Jesus, que tão de prompto viera em seu socorro?

Não seria um ingratição, depois do beneficio, deixar a terra em que a divindade o socorrera, num milagre que se avultava, cada vez mais, aos seus olhos e a sua alma agradecida?

Não. Não voltaria. Ficaria definitivamente aqui.

Aqui recebera uma graça extraordinaria. Para a sua alma de crente o milagre fora um aviso de Deus. Deus precisava de seus serviços, de seus braços, das suas forças, enfim, da vida que lhe restituira para que elle se servisse desse bem, celebrando e exaltando a magestade divina.

Decididamente Deus o queria aqui e aqui ficaria para servir-o.

Mas como, sem recursos, apenas dispondo da sua bõa vontade, poderia patentear ao Senhor Bom Jesus o seu eterno reconhecimento?

Levantaria uma cruz á beira da estrada mais transitada pelos viajantes.

Nessa cruz poria um nicho. Todos que por alli passassem rezariam pelas almas, e o signal de seu reconhecimento ficaria patente aos olhos de todos. Mas bastaria essa prova de reconhecimento?

Cruzes assim havia em quasi todas as estradas e qualquer crente as levantava pelo simples prazer de servir ao Senhor. Elle recebera uma grande graça, precisava deixar, mais que os outros, patente a sua gratidão. Faria mais. Pediria licença ao bispo e construiria uma capella. Uma capella decentemente paramentada, onde se celebrasse o sacrificio da missa e que tivesse tres altares.

Dinheiro para isso? Sahiria pelas entradas de sacola em punho, pediria esmola aos fieis.

Quem não terá neste mundo recebido favores do Senhor Bom Jesus?

Traria, no fim da romaria, o sufficiente.

Escreveu ao bispo, expoz a sua devoção e os seus projectos.

D. Manoel da Cruz pediu informações ao parcho de Congonhas, Jayme Coelho Pacheco, sobre a pessoa de Feliciano Mendes. O parcho, desempenhando-se da tarefa, escreveu a d. Manoel quem era Feliciano Mendes: —«um pobresinho de reconhecidas virtudes e de muito zelo para as couzas e serviço de Deus, por cujos motivos o julgava muito digno de todas as graças que pretendia»...

Na ancia de servir a Deus, Feliciano Mendes não descansou mais um momento. Nem ao menos, apesar de tão obediente aos sacerdotes, esperou a licença de d. Manoel da Cruz.

No dia 8 de abril de 1757, dia festivo para seu coração, entre repiques de sinos e alegria de todo povoado, collocou, no nicho que lhe destinara, junto ao cruzeiro, uma pequenina imagem do Senhor Bom Jesus. E no dia seguinte, alvoroçadamente, como quem tinha uma ordem superior a cumprir, todo soffreguidão e fé, pegou no bordão de romeiro, num pequenino oratorio extremamente leve e portatil, e sahiu estrada afóra, colhendo esmolas

para levantar uma capella em que podesse ser celebrado o sacrificio da missa e que tivesse as alfaias indispensaveis ao culto.

Quando chegou a licença do bispo, datada de 21 de junho de 1757, já ha dois mezes os viandantes que passassem pela estrada que vai ao alto Maranhão veriam, no cimo do morro, o cruzeiro e o nicho alli collocados pelas mãos devotas e agradecidas de Feliciano Mendes.

A fé do crente que esmolava pelos caminhos operava quasi milagres. A sua sacola se enchia pelas estradas. O seu esforço estava sendo recompensado. O Senhor Bom Jesus, com certeza, o favorecia nessa jornada piedosa. Nos povoados e nas fazendas, onde quer que chegasse, todos os auxiliavam e as moedas, tinindo no seu bernal de peregrino, mais augmentavam os seus sonhos de glorificação a Deus.

Mas outro pesar martyrizava Feliciano Mendes.

Elle não podia viajar assim pelas estradas como um simples pedinte. Era preciso, para que pudesse realizar seus ideaes de fé, se tornasse ermitão e isso dependia de uma ordem regia.

Escreveria a d. José, pedindo-a. Escreveu.

A resposta não demorou. Decididamente o Senhor Bom Jesus o auxiliava em tudo. A licença de d. José veio ampla.

«...sou servido que o sr. Feliciano Mendes seja Ermitão da Ermida do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos para tratar do asseio della e, com as esmolas, que os fieis christãos lhe queiram dar por sua devoção continuar nas obras da mesma com a declaração que será

obrigado a dar contas todos os annos perante o visitador ordinario do que depender».

Feliciano Mendes exultou. Não precisava mais nada: Ermitão, correria toda a provincia, passaria os limites de Minas, propagaria a fé: o seu corpo e a sua alma estavam inteiramente votados ao Senhor. Tudo que era seu já pertencia ao Bom Jesus. Fez questão, porem, de uma declaração documentada de que todos os seus bens pertenciam ao culto. Esse documento é tocante, ha nelle esse trecho de eloquente fervor que focaliza a alma purissima do Ermitão:

«... Ainda que se me desse quanto dinheiro houvesse no mundo, não largaria esse serviço e permitta o mesmo Senhor que eu o sirva como devo, e si não o faço, ao menos tenho grande vontade de o fazer, e protesto não poupar o meu corpo em tudo que entender que é do seu santo serviço, e as faltas que eu nelle tiver, o mesmo Senhor m'as ha de perdoar porque conhece muito bem a minha fraqueza e fragilidade, além da minha rudeza, pois eu assim, tal qual como sou, offereço e faço votos de servir com todas as minhas forças e saúde que elle me deu, e, não só com isto, mas tambem com tudo quanto possuo e tenho adquirido pelo meu trabalho e meu esforço, ou puder ser por qualquer via».

O documento é longo, mas todo assim transbordante de fé, de confiança em Deus, de desprezo pelos bens terrestres.

Não parou mais Feliciano Mendes. Todo elle era actividade. Não houve um recanto da provincia que não marcasse com o seu bordão de romeiro.

As suas energias postas ao serviço de Deus centuplicaram. Elle, apregoando os milagres do Bom Jesus de Mattosinhos, provocava romarias a Congonhas.



Egreja de Nosso Senhor Bom Jesus de Mattosinhos

Começaram as promessas. Os benefícios e favores divinos tornaram-se patentes. Era incansável o Ermitão no serviço de Deus.

A Capella ia receber a primeira visita de um enviado do bispo para a tomada de contas.

Feliciano Mendes conseguira quasi o impossivel no curto espaço de dois annos! Pressurosamente o Ermitão prestou as suas contas ao enviado da diocese, Conego José dos Santos.

O representante do bispado, na acta que lavrou da visita, admirou a administração e a operosidade de Feliciano Mendes:

«Visitando pessoalmente a Capella do Bom Jesus de Mattosinhos, a achei com a decencia necessaria e louvo muito ao seu Ermitão o zelo e o fervor com que se ha 'no culto e veneração do Senhor».

Depois da visita, cheio de satisfação pelas referencias do representante de D. Manoel da Cruz, tomou Feliciano Mendes, novamente o seu bordão e sahiu, estrada atóra, á procura de mais esmolas para maior gloria do Senhor. Era, porém, tempo de descansar. Aquella vida de peregrinação, de grandes caminhadas, de privações sem conta, devia ter enfraquecido o organismo do infatigavel e piedoso Ermitão. O Senhor, que elle tanto servira, já estendia os braços ao incançavel caminheiro.

Feliciano Mendes, em 23 de Setembro de 1765, morreu, em meio de uma jornada, no povoado de Antonio Pereira. Tinha chegado o seu termo.

Até a ultima hora trabalhou pelo seu Deus e, ao cahir morto, ao lado do seu bordão de viandante, ainda abraçava ao peito o sacco de esmolas—ultimo obulo que, já sem forças, levava cuidadosamente, para ser depositado aos pés do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, o seu grande e eterno protector.

O ALEIJADINHO

A lenda já empolgou a figura extranha do primeiro escultor mineiro, Antonio Francisco Lisboa, o «Aleijadinho». Raros conhecem, com precisão, a sua obra e a sua vida de revoltado, entrecortada de dores e misérias.

A phantasia popular tem desfigurado a sua physionomia impressionante entre os artistas mineiros. Ora elle é pintado como um monstro genial, autor de obras maravilhosas, ora como um simples operario habilidoso e sem cultura artistica, autor de defeituosissimos trabalhos em pedra sabão.

Tornar conhecida pelo povo a figura do artista, apresental-o tal qual elle foi, na rudeza do seu genio, na misanthropia do seu character, é uma tarefa que nos parece meritoria e que tentaremos nas paginas que se seguem.

O grande Saint Hilaire, quando visitou Congonhas deixou transparecer, em poucos traços, a impressão que lhe causou a obra do «Aleijadinho»:

«On pense bien que je ne voulus pas quitter Congonhas sans aller voir l'église de Nosso Senhor Jesus de Mattosinhos, qui est pour cette contrée, comme l'observe Luccolek, ce qu'est, pour l'Italie, Notra Dame de Lorette. Cette église a été construite sur le sommet d'un morne, au milieu d'une terrasse pavée de larges pierres et entourée d'un mur d'appui. Devant elle on a placé sur les murs du perron et sur ceux de la terrasse des statues en pierre qui represent les prophetes.

Ces statues ne sont pas des chefs d'œuvre, sans dout; mais on remarque dans la manière dont elles ont été sculptés, quelque chose de large qui prouve dans l'artiste un talent naturel très prononcé».

Esse artista, que na opinião de Saint Hilaire tinha «un talent naturel très prononcé», chamava-se Antonio Francisco Lisboa, nascera em 1730, em Ouro Preto e era filho de Manuel Francisco da Costa Lisboa. As primeiras lições de escultura lhe foram dadas pelo seu pae que era portuguez e trouxera de sua terra apreciaveis conhecimentos de arte.

Segundo o seu melhor biographo, Rodrigo José Ferreira Bretas, em pouco tempo Antonio Francisco de Lisboa trabalhava por conta propria, especializando-se em obras de arte referentes ao culto catholico, trabalhando na feitura de imagens que ainda hoje ornam as principaes egrejas do Estado.

Não nascera defeituoso o artista, a sua alcunha «Aleijadinho» lhe veio depois que a syphilis, mutilando-o, deformou por completo a sua physionomia, transformando-o, numa creatura de indescriptivel hediondez.

Rodrigo Ferreira Bretas, em 1858, tendo em mãos documentos valiosos, e inquirindo pessoas que conheceram o artista antes de soffrer a molestia que o desfigurou, descreve o seu perfil da seguinte maneira:

«Antonio Francisco Lisboa, era pardo escuro, tinha voz forte, a fala arrebatada e o genio agastado: a estatura era baixa, o corpo cheio e mal configurado, o cabello preto e annelado, o da barba cerrado e basto, a testa larga o nariz regular e algum tanto ponteagudo; os beiços grossos, as orelhas grandes e o pescoço curto».

O genio do «Aleijadinho» tornou-se mais violento depois da grave molestia que soffreu o artista, pois antes de ter padecido o terrivel mal, elle era visto em bailes e folguedos, segundo narra o seu excellente biographo:

«Até 1777 elle passou a sua vida no exercicio de sua arte cuidando sempre de ter boa meza e no gozo de perfeita saude; e tanto que era visto muitas vezes tomando parte nas danças vulgares.

De 1777 em diante, as molestias provindas talvez em grande parte dos excessos venereos começaram a atacal-o fortemente. Pretendem uns que elle soffrera o mal epidemico, que sob o nome de «Zamparina» pouco antes havia grassado nesta provincia e, cujos residuos, quando o doente não succumbia, eram quasi infalliveis deformidades e paralsias; e outros que nelle se havia complicado o humor gallico com o escorbuto.

O certo é que, ou por ter negligenciado a cura do mal no seu começo, ou pela força invencivel do mesmo, Antonio Francisco Lisboa perdeu todos os dedos dos pés, do que resultou não poder andar sinão de joelhos; os das mãos atrophiam-se e curvaram e mesmo chegaram a cahir, restando-lhe sómente, e mesmo assim, quasi sem movimento, os pollegares e indices. As fortissimas dores que de continuo soffria nos dedos e a acrimonia do seu humor choleric o levaram, por vezes, ao excesso de cortal-os, elle proprio, servindo-se do formão com que trabalhava.»

Depois da grave enfermidade que modificou inteiramente o seu physico tornando-o hediondo, o «Aleijadinho» fez-se esquivo e passou a trabalhar occulto sob uma tenda que ninguem ousava transpor com receio de sua ira, do seu furor sem limites.

A molestia devastou completamente as linhas da sua figura, transformando o seu semblante, dando-lhe um aspecto horripilante e comico ao mesmo tempo.

Temperamento doentamente sensível, suppondo que todos zombavam do ridículo da sua pessoa, vivia em permanente estado de exaltação, em guerra aberta com os seus contemporaneos.

O perfil do «Aleijadinho», depois dos estragos do terrível mal, foi da seguinte maneira descripto pelo seu fiel biographo :

«As palpebras inflammaram-se e, permanecendo neste estado, offereciam á vista a sua parte interior; perdeu quasi todos os dentes e a bocca entortou-se como succede frequentemente ao estuporado; o queixo e labios inferiores abateram-se um pouco : — assim o olhar do infeliz adquiriu uma certa expressão sinistra e de ferocidade que chegava mesmo a assustar a quem quer que o encarasse inopinadamente. Esta circumstancia e a tortura da bocca o tornavam de um aspecto asqueroso e medonho.»

Segundo os dados colhidos através de documentos, de certo não sómente a syphilis concorreu para a devastação do infeliz artista. Diz um historiador do tempo que «quando em Antonio Francisco se manifestaram os effeitos de tão horrível enfermidade uma mulher de nome Helena, moradora na rua do Areião ou Carrapicho, em Ouro Preto, disséra que elle tomara uma grande doze de «cardina» (assim denominava a substancia a que se referia) com o fim de aperfeiçoar seus conhecimentos artisticos e dahi lhe havia provindo o grande mal.

Apesar de doente, o «Aleijadinho» viveu 84 annos, em plena actividade, de buril amarrado aos punhos, trabalhando na pedra bruta, d'onde, não raro, fazia brotar obras d'artes, graças apenas a seu talento natural de esculptor.

AS OBRAS DO «ALEIJADINHO»

As principaes obras do «Aleijadinho» se acham na Igreja de S. Francisco de Assis, em Ouro Preto, em alguns templos de S. João d'El Rey e, sobretudo, em Congonhas do Campo onde o artista trabalhou, quasi ininterruptamente, durante quinze annos.

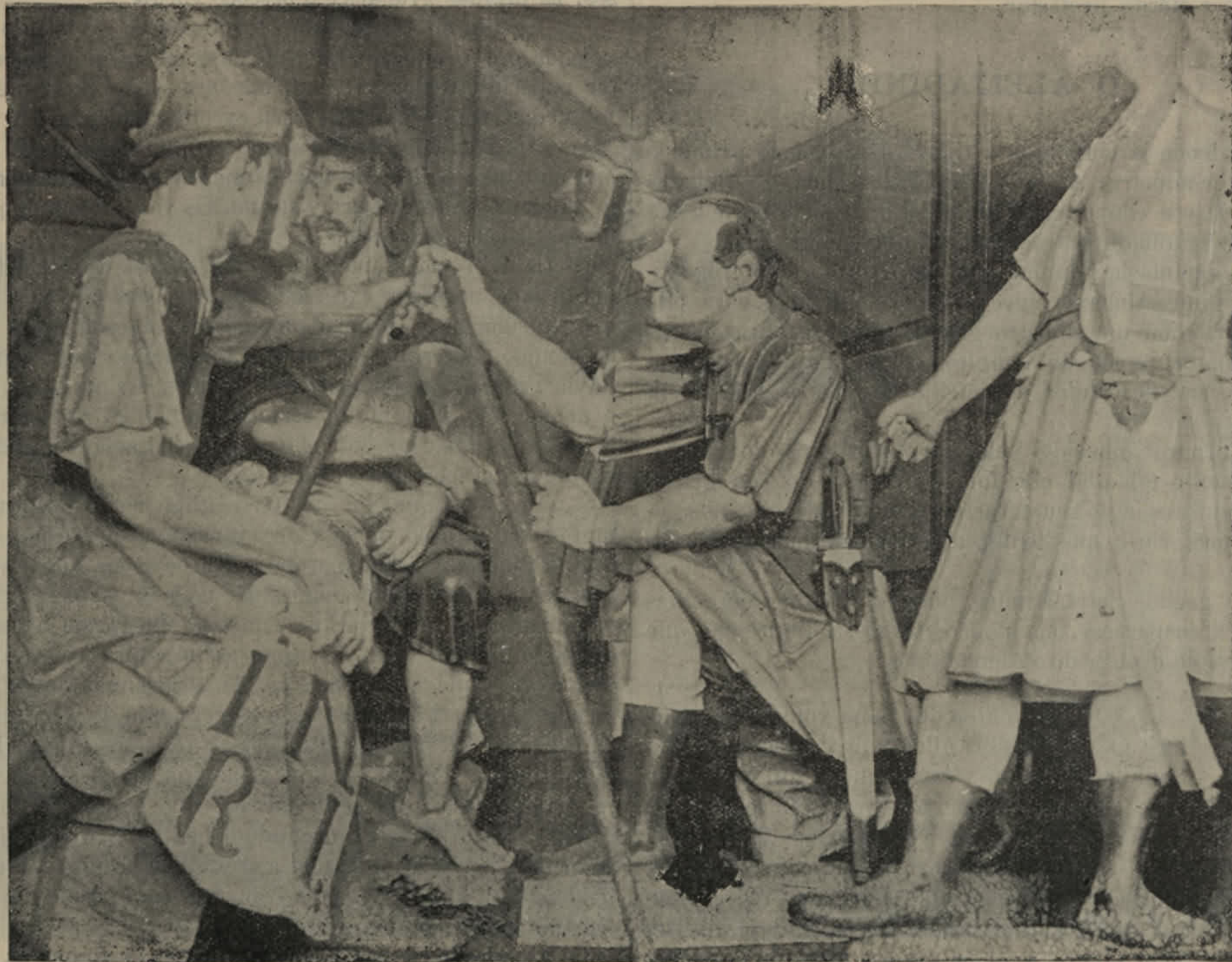
O valor artistico de Antonio Francisco de Lisboa tem sido apreciado com rigor excessivo pelos criticos que se têm occupado das suas obras.

O grande Saint Hilaire, que tinha requintada cultura de arte, se refere ás estatuas dos prophetas collocadas sobre o adro da egreja do Senhor Bom Jesus do Mattosinhos: um dos mais conhecidos trabalhos de Francisco Antonio de Lisboa. da seguinte maneira:

«Ces statues ne sont pas des chefs-d'oeuvre, sans doute, mais on remarque dans la maniere dont elles ont été sculptés, quelque chose de large qui prouve dans l'artiste un talent naturel très prononcé.»

Saint Hilaire não menciona, na sua critica, o nome do autor de taes esculpturas e talvez ignorasse que ellas tivessem sido feitas por um infeliz artista mutilado que, nos seus trabalhos, era apenas guiado pela luz de um talento verdadeiramente maravilhoso.

Com a cultura restrictissima que possuia, sem dispor do auxilio das mãos, órgãos essenciaes no esculptor, deformado, aleijado, minado pela syphilis que o devastou, Antonio Francisco de Lisboa, que viveu ha quasi dois seculos, e que nunca sahio de Minas para desenvol-



UM DOS TRABALHOS DE «ALEIJADINHO» (CONGONHAS DO CAMPO)

ver, pelo estudo, a sua vocação, não poderia nos dar obras mais perfeitas que essas que até hoje admiramos nas igrejas mais ricas do Estado de Minas.

Um visitante illustre que deixou nos livros do Santuario uma bella pagina sobre o culto do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, refere-se, nos seguintes termos, aos trabalhos do Aleijadinho:

«Estas estatuas, como tambem as dos Passos, são feitas por Francisco Antonio de Lisbôa que era tratado — o «Aleijadinho» por o ser das mãos, que a morphéa decepára progressivamente.

Não deixam de ter merito e nos fazer contemplar nesses tempos tão destro buril, mas pelo lado da anatomia e gosto deixam muito a desejar. Os membros que mais deviam chamalhe a atenção artistica como o rosto, mãos, pés, são muito imperfeitos; não sei porque, principalmente nos defeitos do nariz se singularizou o artista, dando-lhe forma extra-natural que desfigura completamente a belleza humana. As posições são, em alguns, absurdas, por exemplo, um dos prophetas tem um pé apontado para o norte outro para o sul: devêra ter visto a impossibilidade dessa manobra. E' mais delicado e perfeito na roupagem e seus bordados. Não tinha Antonio Francisco idéa do bello humano, ou queria reduzir todas as suas estatuas, á sua propria figura defeituosa. Era um habil burilador para entes inanimados mas parava ahí a sua competencia, o que fez de mais acima das suas forças».

E' muito rigorosa a critica, pois em muitos dos prophetas o «Aleijadinho» conseguiu, num rasgo de superior inspiração, gravar uma physionomia de espanto, pureza, resignação e fé, dando alma ás suas estatuas feitas numa pedra aspera, sem a nobreza do marmore, guiado apenas pela intuição e pela expontaneidade do seu talento verdadeiramente notavel.

O artista mais exigente ha de reconhecer, na figura da estatua de Amos uma impressionante expressão de simplicidade que faz lembrar a todos que o propheta foi, antes, pastor: *Primo equidem pastor factus que deinde propheta*. A linha sinuosa dos labios, a attitude humilde, a expressão incomparavel de ingenuidade: tudo faz ver o pastor simples que era Amos antes de ter, por inspiração divina, se tornado propheta.

E' notavel tambem a physionomia de espanto de Jonas, encarando o céo, deslumbrado com a omnipotencia divina: *Aceto absortus lateo noctesque diesque tres ventre in piscis*. O texto latino foi admiravelmente interpretado pelo genio do artista.

E' incontestavel tambem a expressão de alegria que faz resplandecer o rosto da estatua de Baruch, o propheta que annuncia ao mundo a vinda de Christo *Adventum Christi in carne prostremaque mundi tempora predico*.

A estatua de Ozéas está, na sua attitude de resignação e obediencia, tão de conformidade com o texto latino que empunha, a provar a divina chamma que ardia no cerebro do infeliz artista que a esculpiu.

Não ha quem vendo a estatua de Ozéas não admire a habibilidade do buril que soube dar ao blóco impassivel a expressão de resignação feliz, de obediencia ao conselho divino, de prazer, tão de accordo com a legenda latina que o propheta traz nas mãos: *Accipe adulteram, ait Dominus mihi: id exequor illa facta uxor concebit*.

Nessa estatua, talvez a mais perfeita das esculpturas do «Aleijadinho» em Congonhas, vê-se perfeitamente que o artista sabia dar expressão á pedra, illuminando-a. A physionomia de Ozéas é do homem agradecido a Deus, do homem feliz que vê, na fecundidade da mulher, a sua rehabilitação moral.

Todos estes trabalhos demonstram que Antonio Francisco não era um simples esculptor de seres inanimados, mas um artista infeliz, que encontrou todas as difficuldades possiveis para o desenvolvimento da sua genialidade. Tendo vivido em Minas numa época em que a esculptura era a mais desconhecida das artes, sem meio de fortuna para desenvolver nos paizes estrangeiros as suas notaveis aptidões, inutilizado pela terrivel molestia que o mutilou, o «Aleijadinho» fez muito, fez demais, levado, apenas, pela sua intuição artistica, pela chamma do genio que ardia dentro do seu arcabouço de monstro.

EXCENTRICIDADES DO «ALEIJADINHO»

«Onde estão os pintores deste paiz estranho! Onde estão elles que não vêm pintar!»

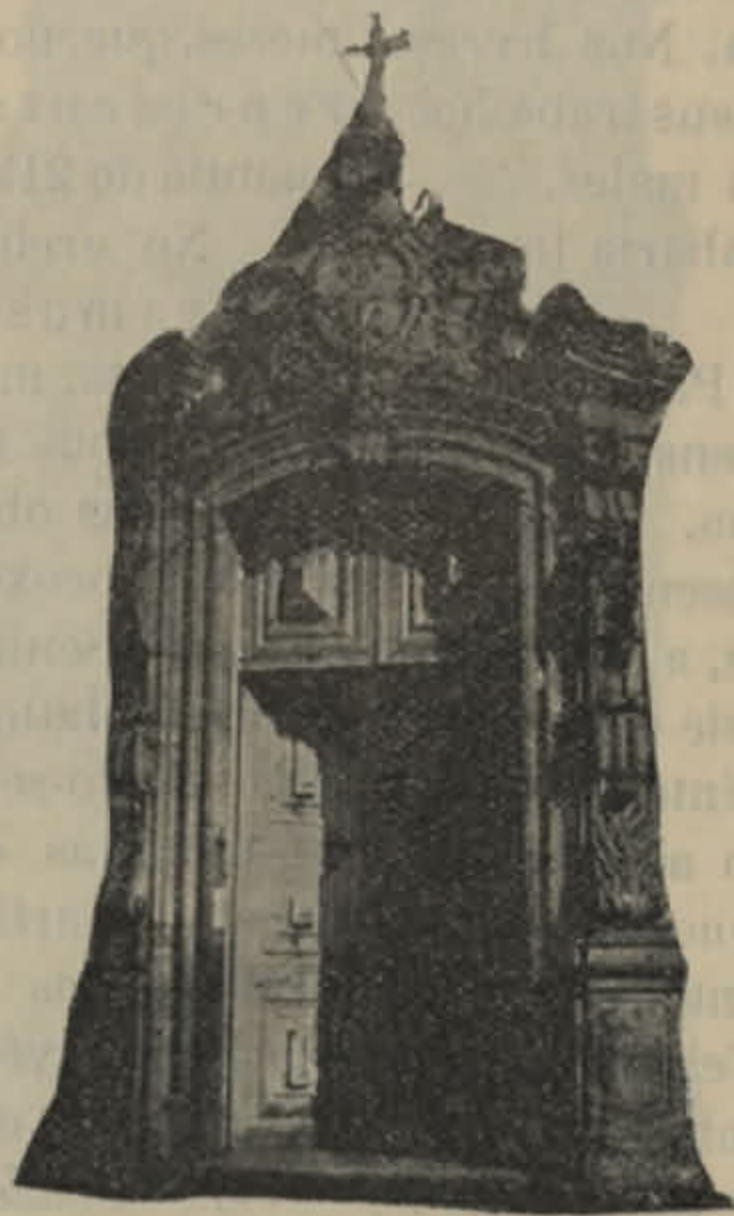
Antonio Nobre

É lamentavel a nossa pobreza artistica em telas historicas. Temos dados sufficientes para recompôr a physionomia impressionante do «Aleijadinho». Porque um pintor de genio (e nós temos alguns) não tentou ainda uma téla historica onde se visse, sob uma tenda tosca, a figura hedionda do nosso primeiro esculptor, a delinear, na pedra bruta, a figura severa de um propheta?

Dados não faltariam ao artista que se atrevesse ao trabalho. O perfil de Antonio Francisco de Lisbôa, antes e depois da molestia que o deformou, foi descripto com muito colorido, muita exactidão, com notavel nitidez, pelo seu fiel biographo Rodrigo José Ferreira Bretas. O seu caracter, a sua physionomia moral, sua rudeza, suas excentricidades nada escapou á

observação do seu historiador. Para maior facilidade desse tentamen sabe-se até como se vestia o «Aleijadinho» depois de ter soffrido o terrivel mal. E' o seu biographo quem diz: «Antonio Francisco de Lisbôa trajava uma sobrecasaca de panno grosso azul que lhe descia até abaixo dos oelhos, calça e collete de qualquer fazenda, calçava sapatos pretos de forma analogo aos pés».

Com dados tão positivos, tão exactos, tão expressivos, sobre a personalidade do mais expentaneo dos nossos esculptores, é notavel que nenhum pintor nacional tenha procurado ainda esboçar, numa téla historica de grande valor, a figura exquisita e inconfundivel do «Aleijadinho». De quantas maneiras poderia ser focalizado o infeliz artista! Que admiraveis flagrantes um pintor de verdadeiros talento poderia encontrar na sua vida, tão cheia de lances pittorescos e de formidaveis desgraças! Em qualquer outro paiz uma personalidade de tal relevo já estaria immortalizada numa obra de arte.



Porta da igreja de Congonhas

A fealdade do artista tão bem descripta pelo seu biographo, devia provocar pruridos nos pinceis dextros da nossa terra. Era tão monstruoso o «Aleijadinho», diz o seu historiador, que o seu escravo Januario tentou suicidar-se «para não servir a creatura de tal maneira hedionda!»



Propheta na igreja de Congonhas

Mas o monstro era bom, tinha excellente coação. Possuia, apenas, dois escravos: Januario e Mauricio, que trabalhavam no preparo das pedras para as obras do seu senhor. O «Aleijadinho», ganhando, apenas, uma oitava de ouro por dia, tratava com verdadeiro carinho os seus escravos, chegando até ao extremo de bondade de dividir igualmente os seus lucros com Mauricio, que trabalhava como entalhador nas obras emprehendidas pelo seu generoso amo.

Na execução dos seus trabalhos o artista era apenas guiado pelo seu espontaneo e natural talento.

Pouco aprendeu de seu pae na arte, pois bem pouca cultura tinha Manoel Francisco da Costa Lisboa para transmitir ao filho. Sabe-se que o «Aleijadinho» apenas lia, com interesse, a Biblia e alguns livros de medicina. Nos livros religiosos elle procurava inspiração para os seus trabalhos e nas obras de medicina allivio para os seus males.

O horror do ridiculo, do motejo, da zombaria impiedosa era, incontestavelmente, o seu fraco.

Contam que fôra um dia chamado a Palacio pelo governador, general Bernardo José de Lorena, que lhe queria incumbir a execução de certo trabalho.

A principio negou-se comparecer á presença de tão alta personalidade. O seu temperamento rude, a sua natural misanthropia aconselhavam-no afastar-se de quaesquer relações. Muito instado e, afinal, prevendo o interesse, foi.

Quando chegou á porta do palacio, o ajudante de ordens do general Bernardo de Lorena, coronel José Romão, não podendo sopitar o seu espanto ante tamanha monstruosidade, exclamou, afastando-se: — Feio homem! Foi quanto bastou para que o «Aleijadinho» sahisse precipitadamente para a rua, arrependido de ter accedido ao convite. Mas a figura esguia de José Romão lhe ficou, pelo rancor, gravada nitidamente na imaginação e, no primeiro bloco de granito que trabalhou, esculpindo um *jeu*, na ancia de se vingar, gravou, indelevelmente, os traços physionomicos do ajudante de ordens do general Bernardo de Lorena, imitando, sem o saber, neste gesto de desafronta, o genio, que na pintura da capella sixtina, galardoava os demonios com os traços fieis dos seus mais ferozes inimigos.

E' lamentavel e estranho que os nossos pintores de talento, podendo recompor, com exactidão e nitidez, a figura inconfundivel e interessante de Antonio Francisco de Lisboa, ainda não nos tenham dado uma tela historica e preciosa — «O Aleijadinho».

QUANTO GANHAVA O «ALEIJADINHO»

Quanto ganhava, por dia, o mais antigo dos nossos esculptores? Segundo o seu notavel biographo, Rodri-

go José Ferreira Bretas, o «Aleijadinho» percebia, na sua arte, a diaria de uma oitava de ouro, que correspondia, no tempo em que viveu, a 1\$200. Nós acreditamos que não. Antonio Francisco de Lisboa devia tirar maiores lucros da sua grande habilidade.

Pelos recibos que encontramos no archivo da secretaria do Santuario do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, em Congonhas do Campo, é difficil saber-se ao certo, o ordenado diario que vencia o artista. As suas obras eram quasi sempre tomadas de empreitada e, alem disso, todos os recibos são passado em seu nome e no de terceiros, quasi sempre auxiliares seus no preparo das pedras em que trabalhava.

E' assim que encontramos no archivo do Santuario um recibo seu passado nos seguintes termos:

«Recebi do Irmão Vicente cento e setenta e sete oytavas e tres quartos de ouro procedidos dos jornaes de mim e dos meus officiaes que trabalhamos nas obras de Escultura dos Passos da Paixão do Sr. de Mattosinhos, desde o mez de Agosto até ultimo de dez.º deste presente anno e para clareza faço este de minha letra.

Mattosinhos das Congonhas de Campo de 1796.

Antonio Francisco de Lisboa

Como se vê nesse documento, elle representou os seus auxiliares no recebimento dos seus honorarios de esculptor. Pelo recibo acima, elle ganhou, com seus ajudantes, a quantia de 177 oitavas e tres quartos de ouro em 5 mezes, que, no tempo, representavam a quantia de 213\$600.

No archivo encontramos ainda, alem deste, mais dois recibos seus referentes ás suas obras nos Passos, proximos á igreja do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos. Sommando-se todas as quantias que recebeu o artista no preparo das figuras dos Passos vê-se que elle ganhou, naquella obra, 1:184\$600.

Terminadas as estatuas dos Passos, o Administrador do Santuario em 1796, Vicente Freire, contractou com o «Aleijadinho» a execução das estatuas em pedra representando os doze prophetas do antigo testamento. O artista em pouco tempo fez quatro figuras (as que occupam o plano inferior ao parapeito do adro) e recebeu, pelo seu trabalho, a quantia de 345\$000 sahindo, cada estatua



Propheta na igreja de Congonhas

por pouco mais de 86\$000. Pelas cifras que publicamos extrahidas dos recibos, existentes no archivo do Santuario, em Congonhas do Campo, vê-se que o «Aleijadinho» tinha o ordenado maior que os mestres de obras que apenas percebiam 300 réis diários. Além desses documentos em que o esculptor apparece recebendo quantias grandes para aquella epocha, sabemos que o «Aleijadinho» comprou dois escravos, Januario e Mauricio, o que não poderia fazel-o si, apenas, tivesse o ordenado de uma oitava de ouro, por dia, segundo o seu historiador.

A MORTE DO «ALEIJADINHO»

COMO MORREU EM UM CASEBRE DE OURO PRETO O PRIMEIRO DOS NOSSOS ESCULPTORES.

O «ALEIJADINHO» EXPIROU APOSTROPHANDO UMA IMAGEM QUE TINHA Á CABECEIRA DO LEITO.

Quando a morte entrou, num casebre da rua Antonio Dias, em Ouro Preto, para levar o primeiro dos nossos esculptores, que agonizava sobre um giráu, não encontrou positivamente um homem, mas um monstro devorado pela mais terrível e desconhecida de todas molestias.

Os cirurgiões de Villa Rica souberam diagnosticar a enfermidade cruel que, inexoravelmente, dia a dia, mutilava Antonio Francisco de Lisbôa, o «Aleijadinho», esculptor de prophetas e santos. Toda gente assistia horrorizada os progressos do mal, e o artista, sabendo-se alvo da curiosidade publica trabalhavadebaixo de um toldo escondido dos olhares da multidão.

Nas missas de domingo, na matriz de Antonio Dias, por sabel-o devoto, os curiosos se prostravam no adro da igreja até que elle surgisse, encarrapitado ás costas do seu escravo Januario e, fugindo de todos os olhares, penetrasse no templo.

Esse martyrio durou 37 annos, pois a molestia gastou todo esse tempo a corroer o seu organismo forte de mestiço.

Antonio Francisco de Lisbôa foi até o anno de 1777 um homem valido e robusto. Um chronista daquella época descreveu, num dos volumes das «Ephemerides Mineiras», o seu perfil.

Era o «Aleijadinho», feio e forte, quando começou a sentir symptomas da cruel molestia. Bohemio como todo artista, o esculptor gostava de danças e mulheres. Ha no archivo do Santuario de Jesus de Congonhas do Campo uma interessante carta de amor de Antonio Francisco de Lisbôa. Esculpindo os prophetas do antigo testamento, em Congonhas, ella mandava dizer á sua amada, em Villa Rica, que iria vel-a em vespera no natal e lhe levaria um «mimo».

Não dizem os chronistas daquella remota era, como a molestia começou a sua obra de devastação no organismo vigoroso do esculptor.

O «Aleijadinho» descrente da sciencia dos cirurgiões, começou elle proprio a cuidar de sua cura: lia constantemente livros de medicina e consultava as afamadas feiticeiras de Villa Rica. Esperando que a molestia dimi-



Propheta na igreja de Congonhas

nuisse de voracidade com a amputação do orgão doente, elle proprio se mutilava, servindo-se de suas ferramentas de trabalho.

Helena, famosa feiticeira, moradora no Areião, perto de Ouro Preto, déralhe uma substancia que ella chamava *Cardina* e affirmava ser de effeitos immediatos.

Nada, porém, diminuiu a marcha lenta e progressiva do terrível mal. Chegou o artista a tal ponto de fealdade que um escravo seu de nome Januario tentou suicidar-se, affirmando que preferia morrer a servir tão feio senhor.

De uma das suas amantes, o esculptor tivera um filho que se casara com uma mulata chamada Joanna. Foi na casa desse filho situada na rua Antonio Dias, n^{as} proximidades da matriz, que o «Aleijadinho», sobre um giráu, com o corpo aberto em chagas, esperou durante dois annos, que a morte o libertasse de tantos soffrimentos. A sua miseria era extrema: os ordenados do ultimo trabalho que fizera na Capella do Carmo, recebera-os elle em ouro falso, illudido na sua bôa fé.

Religioso, morreu como um verdadeiro crente. Diz o seu biographo Rodrigo Bretas:

«O Aleijadinho» morreu apostrophando uma imagem que tinha á cabeceira do seu leito, pedindo ao Senhor que — «sobre elle puzesse os seus divinos pés».

Dois escravos seus, fieis e piedosos, no dia seguinte, ao do seu fallecimento, 19 de novembro de 1814, caridosamente collocaram o seu corpo sobre um pranchão e levaram, para uma cova aberta de vespera, na matriz de Antonio Dias, os restos mortaes daquelle que foi o maior esculptor do seu tempo, no Brasil, e cuja fama atravessa os seculos aureolada pelos martyrios que soffreu o artista.

Djalma Andrade

O ALEIJADINHO

«Pardo, baixo, disforme, a catadura horrenda,
Num rictus de ironia amarga o beijo arqueado,
Passaste á historia, ó grande e genial mutilado,
Transfigurado pela apothose da lenda.

Preso ao côto das mãos, na soli lão da tenda,
Quanto primor lavrou teu cinzel inspirado!
Do teu mysterioso e obiquo apostolado
Quanta obra prima inda hoje o nosso olhar desvenda.

Egrejas de S. João d'el-Rey e de Ouro Preto,
Templos em profusão, por onde se reparte
O espolio desse escopro exotico e faceto,

Esses labores mil que ostentaes, dizem tudo:
Sob o truanesco horror do Quasimodo da arte,
Fremia a insiração de um Buonarotti rudo!»

Mario de Lima